Capa
Editorial
Sumário

CIANTEC'14

PARA CITAR ESTE ARTIGO UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

CHUVA VASCO, Nuno – **Ética e polémica em Habacuc Guillermo Vargas**. In CONGRESSO INTERNACIONAL EM ARTES, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO [CIANTEC], 6, Mato Grosso do Sul. “Arte, novas tecnologias e comunicação: A Natureza Contemporânea da Arte”. Mato Grosso do Sul: PMStudium Comunicação e Design, 2014. ISBN 978-85-62814-12-9. pp. 335-345.

ÉTICA E POLÉMICA EM HABACUC GUILLERMO VARGAS

NUNO MIGUEL CHUVA VASCO

Auschwitz começa sempre que alguém olha para um matadouro e pensa: eles são apenas animais.
Theodor Adorno

Nuno MIguel Chuva Vasco

Em 2007 surgiram na internet várias petições para exprimir a indignação e criticar violentamente o artista Habacuc Guillermo Vargas [1975-], pela sua obra "Exposición # 1", exposta em Managua, Nicarágua, na Galeria Códice, a 16 de Agosto de 2007, a propósito da 6ª edição da Bienal Costa-riquenha de Artes Visuais 2007 (Bienarte). A obra de Vargas estava entre as seis obras escolhidas[1] num total a concurso de 204 obras, e teve como júri Oliver Debroise (México), Rodolfo Kronfle Chambers (Equador), e Ana Sokoloff (Colômbia).

Vargas, vencedor pela segunda vez consecutiva da Bienal, foi ferozmente criticado por supostamente ter deixado morrer de inanição um cão encontrado na rua[2]. O cão [fig.1], baptizado Natividad por Vargas, foi conduzido à galeria, onde uma corda unia duas paredes, por sua vez, outra corda foi amarrada àquela, e a sua extremidade presa ao pescoço do cão. No mesmo espaço expositivo podia ler-se numa das paredes, escrito em tamanho grande com comida de cão, "Eres lo que lees" (és o que lês). No dia da inauguração também queimou 175 pedras de crack e fez tocar o hino sandinista em sentido inverso.

*Fig. 1 | Habacuc Guillermo Vargas, **Exposición #1**, 2007. - fonte: http://artehabacuc.blogspot.pt*

Aparentemente doente, o cão estava incontestavelmente debilitado. Não lhe foi fornecido qualquer tipo de comida, nem saciada a sede, acresce ainda, que o público estava igualmente proibido de o fazer. Entretanto, a maioria dos visitantes passam pelo cão com um olhar indiferente, sendo que ninguém interveio para libertar o animal. Várias são as versões sobre o que sucedeu de facto ao cão, a mais defendida, é que um dia depois da abertura

1 Esteban Piedra, Oscar Figueroa, Mimiam Hsu, Errol Barrantes, e "La banda de los sumergidos-emergentes" (Sila Chanto e Jhafis Quintero) foram os restantes artistas seleccionados.

2 O cão foi capturado com a ajuda de 5 crianças que receberam pelo serviço, 10 Córdobas, cerca de 28 cêntimos de euro.

da exposição[3], ele morreu à fome e à sede e, sem dúvida, sem quaisquer cuidados veterinários. Já a directora da Galeria Códice, Juanita Bermúdez, num comunicado oficial[4], vem dizer que o cão esteve na galeria sempre solto num pátio interior, e apenas foi preso por um período de três horas para a inauguração, tendo sido regularmente alimentado com comida que o próprio artista trazia. Ao fim de três dias o cão fugiu.

No meio da cacofonia mediática da comunicação social, não existe a mínima prova das intenções do artista, nem tampouco uma fotografia que comprove que o cão morreu, além disso, a meia dúzia de fotos que vagueiam pela internet, e que se repetem por todo o lado, não demonstram o que lhe sucedeu, se ele foi bem tratado e não morreu, se foi maltratado mas continua vivo, se foi bem tratado, mas morreu, ou se foi maltratado e tenha morrido, todas são hipóteses que podemos considerar, ainda hoje, como válidas.

Ainda que esta história tenha ocorrido num país desprovido de leis de protecção dos animais, ela expande-se pela internet num movimento de indignação mundial com um eco sem precedentes. Afinal, a imagem de um cão preso numa galeria, impotente, humilhado, não pode deixar de suscitar a indignação entre aqueles que partem do princípio de que toda a representação é uma glorificação. Percebe-se pois o mecanismo que conduz a esta situação: há uma identificação relativa do animal, ou ao menos uma entrega afectiva muito forte. A imagem é a de um ser vivo humilhado, e como esta imagem não está claramente identificada como uma imagem artística, visto que o cão aparece como uma presença real, não filtrada pelas instituições culturais, acabou por ser vivida como uma agressão.

As associações de defesa dos animais de todos os países intervieram, vilipendiando Vargas, e fizeram pressão para que fosse desacreditado e excluído de qualquer exposição na Europa, porém, nunca nenhuma delas encetou uma acção contra o artista, a ADDA, Associação Espanhola dos Direitos Animais, confirma mesmo a versão da galeria. Franco Frattini, vice-presidente da Comissão Europeia, publica em 29 de Outubro de 2007, no site da Comissão Europeia, um texto, pedindo que doravante, a Europa não acolha mais obras de Guillermo Vargas. Por outro lado, a Ministra da Cultura da Costa Rica, afirma que nada pode fazer a respeito do dossier Vargas, visto que aquele não representa o país na Bienal, tendo contudo apaziguado os ânimos, dizendo que o cão não morreu no interior da galeria, mas que fugiu, corroborando a versão da galeria. Esta opinião sugere uma segunda versão dos acontecimentos, porém, desmentida por Vargas, que questionado a este respeito nos diz que «El animal murió en la obra, los

3 Esta informação foi confirmada por Marta Leonor González, editora do suplemento cultural do jornal diário La Prensa, ao jornal "Nación", numa notícia de 4 de Outubro de 2007. Cf. http://wvw.nacion.com/ln_ee/2007/octubre/04/aldea1263590.html [Consult. 4 Fev.].

4 Juanita Bermúdez in http://soydondenopienso.wordpress.com/2007/10/27/guillermo-vargas-habacuc-declaraciones-de-la-galeria-codice [Consult. 13 Mar.].

Capa
Editorial
Sumário

medios son mis cómplices»[5], porém, quando questionado sobre o paradeiro do cão, o artista acaba por não responder. Do ponto de vista da obra de arte enquanto instalação/performance conceptual, para Vargas a morte do animal pode traduzir-se num interesse, visto que corresponderá à natureza da instalação/performance de ter um fim anunciado.

A petição, que se indigna pela morte do cão vadio, recolheu vários milhões de assinaturas pelo mundo para interditar a presença de Vargas na Bienal Centro-americana das Honduras realizada em 2008. Numa entrevista ao "El Tiempo", Vargas explicou[6] que se tinha inspirado na morte, em 2005, de Leopoldo Natividad Canda Mairena, um indigente toxicodependente nicaraguense que foi ferozmente morto por dois rottweilers na Costa Rica, sendo tudo filmado pela comunicação social, e na presença de polícias, bombeiros, e guardas de segurança.

Não se vislumbra na petição qualquer palavra que relacione Natividad Canda ao projecto de Vargas. A questão da legitimidade do artista é demasiado complexa, na medida em que os factos ocorrem tendo como pano de fundo as tensões racistas entre nicaraguenses (os "nicas") e costa-riquenhos (os ticos"), mas também por questões políticas da Bienal (tal como na esfera judicial, existe uma espécie de jurisprudência do extremo, onde não se pode justificar a infracção de um princípio ético fundamental em nome da arte). Contudo, podemos considerar que Vargas põe em exercício um complexo jogo com o público: Além da *mise en scène* da inacção dos visitantes da galeria frente ao cão que morre, que nos lembram algumas experiências da psicologia experimental, tais como as de Milgram, os signatários da petição desenvolveram o discurso e a indignação que eles deveriam ter tido com Natividad. O próprio artista assinou a petição, porque apenas ele era possuidor da compreensão absoluta da sua obra, e também ele não se podia desvincular de valores tão altos como a vida humana, frontalmente colocados em causa com Natividad.

Existe, podemos dizer, uma directa relação entre os visitantes da exposição e todos os agentes envolvidos no caso de Natividad, ambos públicos da indiferença. A aceitação da ordem do proprietário dos cães por parte das autoridades para que estes não fossem abatidos, a transmissão em directo de todo o acontecimento em vários canais de televisão, e a indiferença do público e das autoridades que apenas reagiram com pistola de água para afastar os animais, são elementos que Vargas considera relevantes para o *modus operandi* do seu trabalho, buscando por isso provocar no público reacções semelhantes às ocorridas com o caso de Natividad e «Corroborar las inquietudes de las que partió el proceso de la obra, generando reacciones similares a lo ocurrido con Natividad Canda, que es más fácil sensibilizarse por un ser virtual que por el miserable de la esquina, que toda la humani-

5 Vargas em entrevista ao jornal "El Tiempo" em 26 de Abril de 2008. Cf. http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4125438 [Consult. 1 Mar.].

6 idem

dad vive en hipocresías y los medios de comunicación, aun siendo el cuarto poder, es posible manipularlos.»[7]. O animal, preso no meio da comida totalmente inacessível, simboliza efectivamente os paradoxos da nossa sociedade hipócrita, afinal, quem após ter assinado a petição acolheu um cão abandonado, ou ajudou uma associação de protecção animal? Quem se recusou a comer carne de vaca para evitar a exponencial produção animal em prol de uma economia capitalista? Dentre os milhões de signatários da petição, quem se preocupou com os milhões de pessoas que têm apenas uma refeição por dia, ou simplesmente passam fome? A este nível, a obra de Vargas cumpre uma função pedagógica, não obstante, totalmente incompreendida, mas o problema reside precisamente na metodologia utilizada pelo artista. Aqueles que entenderam a obra, assim o contestam.

A obra de Vargas, é um gesto cheio de elementos heteróclitos e que se afasta das regras estabelecidas, questionando o outro, implicando-o num jogo que se assemelha a um fora-de-jogo, quer isto dizer, numa acepção futebolística, que o artista adopta princípios demasiado avançados e que, estando fora dos limites da esfera artística, comete um erro inaceitável para a sociedade. O artista, não sendo desqualificado, deve pois reposicionar-se em relação aos seus semelhantes.

Esta obra, não está totalmente esclarecida, estando tolhida pela incoerência de factos que giram em torno dela, e contém todas as características de um *hoax*. Não obstante, e apesar da falta de informação desta história muito obscura, podemos questionar, se a ideia de um animal preso numa galeria de arte constitui uma obra de arte, e se deve ser legitimada independentemente do que se faça ao animal, e como esse espaço de exposição pode mostrar o quanto a arte contemporânea está comprometida com situações impossíveis e eticamente inaceitáveis. Segundo a ética animal, a sua intervenção na arte contemporânea deveria ser sempre saudável, quer isto dizer, que o artista deveria em qualquer caso, abordar o estatuto do animal de modo a denunciar as violências que lhe são feitas. Isto levanta a questão dos limites éticos do artista porque as consequências da sua obra são avaliadas pela sociedade.

Esta reflexão, podemos dizer, tem origem nos Ready-mades de Duchamp, porque na medida em que estes eram a manifestação da natureza processual e social da arte, e que portanto, como sabemos, constitui um meio social determinado em que o estatuto do artista que faz a obra de arte, seja ela qual for, e seja qual for o objecto em causa, permite-nos inferir que tudo pode ser arte. Não será pois Vargas apenas um entre muitos? Senão vejamos, "Como Explicar Desenhos a uma Lebre Morta" (1965) de Beuys, ou as acções nitschianas, sexualmente provocadoras e piscologicamente inflamatórias, também se desviaram da ortodoxia vigente. Mais actualmente, os organismos geneticamente modificados de

7 Vargas em entrevista ao jornal "El Tiempo" em 26 de Abril de 2008. Cf. http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4125438 [Consult. 1 Mar.].

Kac, em nome da sua Bioarte; os polémicos cavalos suspensos de Maya Bösch e Régis Golay[8], Plágio ou citação de Maurizio Cattelan[9], os porcos tatuados de Wim Delvoye, os corpos humanos plastinizados de von Hagens; ou a pretensão de Gregor Schneider em fazer da morte humana uma performance[10], serão para muitos eticamente reprováveis, no entanto, fazem parte da esfera estética do panorama artístico mundial. E no caso concreto de "Exposición # 1", não será também o público, testemunho da atrocidade cometida, tão cúmplice quanto Vargas? Poderemos, neste sentido, falar de meta-criadores da obra, se quisermos meta-ético-criadores, mas também de uma sociedade eticamente desequilibrada e moralmente empobrecida? E toda a crítica não será unicamente um ataque à arte contemporânea, a que temos o direito de não entender, mas que tem direito à sua existência?

Existe um argumento que foi frequentemente evocado para fundamentar a contestação a esta obra: o da provocação gratuita. A arte contemporânea procura a todo o preço, provocar reacções, tematizando deliberadamente tabus e fundando portanto a provocação em detrimento do sentido. Podemos antes de mais dizer, que esta obra é um gesto que possui uma certa riqueza e que o seu sentido não se reduz à emoção suscitada. Do ponto de vista do artista, trata-se de uma reacção à perspectiva do espaço galeria, visto que uma situação idêntica poderia ocorrer em casa de alguém, como infelizmente frequentemente acontece. Portanto, trata-se de assinalar a importância da arte no espaço público e consequentemente, de tornar evidente que a arte pública pode suscitar o debate e que não passa despercebida. O espaço fechado da galeria tem por efeito anular os efeitos do contexto e de meter em evidência a obra como objecto, todavia, o cão não é um objecto, mas sim um gesto, uma instalação/performance, um gesto com uma clara vontade de estimular a percepção, e de provocar reacções com o fim de manifestar o sentido da arte no meio do público. Quando ele é exposto e consequentemente observado pelo público/espectadores, ele é um digno representante da sua história e assume por via do artista uma nova identidade. É desta forma que o animal se torna obra de arte. Torna-se um gesto representativo de várias fases temporais.

Independentemente do sucedido com a "Exposición # 1", matar em nome da arte será sempre reprovável do ponto de vista humano, e a crítica artística é muito assertiva e contundente. Gustavo Zalamea, director do Instituto Oficina de Criação da Faculdade de Artes da Universidade Nacional da Colômbia, «Tiene que haber una ética del artista, una práctica del cuidado del hombre, de plantearles perspectivas para la construcción de sentido con obras solidarias. (...) Plantear la posibilidad de que muera puede resultar interesante. Teóricamente, uno lo puede hacer y sería una

8 "Cavalo de Batalha" (2013).

9 "Balada de Trotski" (1996).

10 http://www.publico.pt/cultura/noticia/artista-alemao-quer-transformar-morte-humana-numa-performance-1326316 [Consult. 17 Fev.].

obra conceptual, pero hacerlo morir es catastrófico desde el punto humano. Respetar la vida de cualquier ser es fundamental para un artista: si no respeta la vida, un artista debería dejar de llamarse artista»[11]. Já María Elvira Ardila, curadora do Museu de Arte Moderna de Bogotá refere que «Habacuc creó una estrategia publicitaria, pues se ha dicho que todo lo que ocurrió allí es simulación, una forma de publicidad y no de arte (...) Solo concebir la idea de amarrar un perro, dejarlo sin alimento, es colocar a un ser vivo en un nuevo campo de concentración.»[12].

Vargas, é um artista engajado com uma prática artística que vai do desenho à intervenção em espaços públicos, vivendo num mundo onde as ideias e as opiniões são previamente filtradas pelos media. Trata-se de uma artista que não hesita em despejar 300 kgs de tomate no chão de uma galeria para provocar uma reflexão no mundo contemporâneo. Independentemente das causas propostas para a obra, e da forma como o artista as coloca em prática, podemos concluir, dizendo, que este artista, considerado pela opinião pública como um algoz a abater, sensibilizou a opinião social para uma tomada de consciência colectiva de que os cães todos os dias morrem de fome. Prova igualmente que os sofrimentos do homem são frequentemente ignorados e Natividad é prova disso. A hipocrisia da sociedade conduz à exploração de uma arte ética mundial, ao mesmo tempo que compromete essa sociedade num jogo participativo e de enorme cumplicidade, revelando, à luz derridiana (Derrida, 2002), o animal que somos, sendo também símbolo de uma sociedade paradoxal de sobreconsumo, mas também de uma sociedade com produção excessiva que não dá nada sem receber em troca. Contrariamente, a sua obra permite simultaneamente explicar como um cão faminto pode tornar-se o centro das atenções, quando poucos lhes prestam atenção na rua. O artista provocou a sociedade e tentou provar que nos emocionamos facilmente com a miséria mediatizada, e que pelo contrário nos tornamos insensíveis à miséria escondida.

Podemos pois dizer, que a iniciativa de Vargas permite demonstrar que as pessoas apenas se ofuscam perante assuntos mediáticos. Efectivamente, o acto de prender um cão, deixando-o sem comer, nem beber, e além disso considerada como uma atitude artística, pode tornar-se na temática do século, separando-a do seu contexto actual para a globalizar, fazendo jus ao conceito de marginalidade, porquanto, por definição, a arte marginal possui como característica principal, a provocação. E que sentido faria tal provocação não ter como consequência reacções do público? Como poderemos determinar o que é arte marginal se a sociedade presta-se a aceitar a transgressão, o obsceno ou mesmo o grotesco? Mas podemos nós aceitar tudo sob o pretexto de uma démarche artística?

11 Gustavo Zalamea em entrevista ao jornal "El Tiempo" em 26 de Abril de 2008. Cf. http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4125438 [Consult. 1 Mar.].

12 María Elvira Ardila em entrevista ao jornal "El Tiempo" em 26 de Abril de 2008. Cf. http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4125438 [Consult. 1 Mar.].

A ética animal coloca questões clássicas que se tornaram assuntos da sociedade cada vez mais importantes. Terão os animais direitos? Teremos nós direitos sobre eles? A exploração de animais para produzir alimentos e roupas, para pesquisas científicas, para nos divertirem e nos fazerem companhia, serão elas justificadas? Estas questões inscrevem-se num conjunto extremamente polémico, no qual se confrontam numerosas e diversas posições, e acabam por se esquecerem perante uma obra que aparentemente atenta contra a dignidade animal, fruto de impulso mediáticos e irreflexões da sociedade, porque senão vejamos, quantas pessoas não terão assinado a petição sem se inteirarem do conteúdo da notícia, e quantas terão perdido algum tempo para aferir a sua verdade? Por outro lado, no momento de decidir contra Vargas, quantas pessoas se terão lembrado da *quasi* similitude desta história com outras aparentemente inocentes, como por exemplo, as experiências farmacêuticas, o abate em massa, as touradas, e até mesmo a caça que, em nome do desporto, chacina espécies tão queridas do público como coelhos, veados, e até mesmo elefantes em propriedades privadas de África.

A situação actual da arte é essencialmente da ordem da experimentação. Na ausência de critérios de julgamento estético claramente definidos e amplamente reconhecidos, as obras só podem ser unicamente ensaios em que não se pode prever se entrarão ou não na história. Em termos artísticos esta história, pelo que provou ser, ocupará certamente um lugar na história, em termos sociais e humanos, pode perfeitamente ser paradigmática de milhões de animais que são torturados todos os anos, sem que ninguém professe uma palavra que seja.

REFERÊNCIAS

Derrida, J. (2002) *O animal que logo sou*, São Paulo: UNESP.

Naconecy, C. (2006) *Ética e animais: Um guia de argumentação filosófica*, Porto alegre: EDIPUCRS.

Rodríguez, L. (2013) *El perro está más vivo que nunca. Arte, infamia y contracultura en la aldeã global*, Anuario de Estudios Centroamericanos, Universidad de Costa Rica, 39, pp. 479-482.

Vilmer, J. (2011) *L'éthique animale, Que sais-je?*. Paris: PUF.

Vilmer, J. (2008) *L'éthique animale*. Paris: PUF.